

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT07.001](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT07.001)

UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA INTERDISCIPLINAR DIALOGANDO COM O RESPEITO ÀS MULHERES EM MANAUS/AM

Silvana Barreto Oriente

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Humanidades – UFAM, silvanaboriente@gmail.com;

Maria Isabel Alonso Alves

Professor orientador: Doutora, IEAA – UFAM, profmariaisabel@ufam.edu.br.

RESUMO

Esse artigo versa sobre a análise de uma prática pedagógica interdisciplinar realizada na cidade de Manaus/AM, que dialoga com o respeito às mulheres. Trata-se de um recorte de pesquisa em andamento desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Humanidades (PPGECH) no âmbito da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, Unidade de Humaitá – IEAA. Neste recorte busca-se analisar de que forma uma prática pedagógica interdisciplinar pode contribuir no combate a violência contra a mulher e estimular o empoderamento feminino. O amparo teórico e metodológico tem como base os estudos Pós-críticos em Educação, a partir de autores que transitam entre os campos de prefixos “Pós” trazidos por Meyer e Paraíso (2012) sob uma perspectiva dos estudos culturais, estudos de gênero e estudos feministas. A produção de dados se deu a partir de estudo bibliográfico e documental. Os resultados encontrados apontam que a proposta analisada, Monumento Tenente Roxana Bonessi, serviu como exemplo de prática pedagógica a ser desenvolvida como instrumento de empoderamento da mulher.

Palavras-chave: Prática pedagógica, Violência contra a mulher, Empoderamento feminino.

INTRODUÇÃO

A realização dessa pesquisa foi impulsionada pela necessidade de entender como uma prática pedagógica pode auxiliar no fortalecimento do empoderamento da mulher no contexto escolar, para tal, estabeleceu-se como objetivo analisar uma prática pedagógica interdisciplinar realizada na cidade de Manaus/AM, que dialoga com o respeito às mulheres, a qual foi realizada tendo como base o Monumento Tenente Roxana Bonessi, erguido na zona oeste da capital amazonense, em memória a um caso de feminicídio que comoveu a sociedade manauara.

Trata-se de um recorte de pesquisa em andamento desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Humanidades (PPGECH) no âmbito da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, Unidade de Humaitá – IEAA, que investiga as Políticas Públicas Educacionais que amparam as práticas pedagógicas que visam a valorização das mulheres no Estado do Amazonas.

Neste recorte busca-se analisar de que forma uma prática pedagógica interdisciplinar pode contribuir no combate a violência contra a mulher e estimular o empoderamento feminino. A prática escolhida foi realizada no ano de 2019, em ocasião das comemorações do Aniversário de 350 anos da cidade de Manaus, em um concurso promovido pelo Centro de Formação José Anchieta (CEPAN).

O amparo teórico e metodológico tem como base os estudos Pós-críticos em Educação, a partir de autores que transitam entre os campos de prefixos “Pós” trazidos por Meyer e Paraiso (2012) sob uma perspectiva dos estudos culturais, estudos de gênero e estudos feministas. A produção de dados contou com um estudo bibliográfico e documental, além de análise das manchetes de jornal que registraram o evento e análise do projeto escrito, cedido pela equipe coordenadora na escola.

Os resultados encontrados apontam que a proposta analisada, Monumento Tenente Roxana Bonessi, pode ser considerada um referencial para que outras práticas sejam desenvolvidas como instrumento de empoderamento da mulher e destaca a importância de a escola estar sensível a realidade de violência a que as mulheres estão expostas.

METODOLOGIA

Estudar temas relacionados às diferenças, às minorias e/ou relações de gênero, principalmente em um contexto educacional, requer uma reflexão exaustiva sobre o caminho metodológico a ser trilhado, visto que esses temas sugerem uma visão menos enrijecida acerca das concepções metodológicas, de modo a tornar o processo mais aberto a novas descobertas e possibilidades investigativas. Paraíso (2004, p. 287) destaca que “as pesquisas pós-críticas em educação no Brasil têm questionado o conhecimento (e seus efeitos de verdade e de poder), o sujeito (e os diferentes modos e processos de subjetivação), os textos educacionais”.

Essa inquietação está entre os elementos que fundamentam os estudos pós-críticos em educação, pois, conforme Paraíso (2012), o trabalho com metodologias de pesquisa pós-críticas é como um movimento de olhar além, entendendo o discurso e suas relações como uma invenção, a fim de pensar o impensado. Paraíso (2004, p. 292) afirma que “seguindo a linha da subjetividade e expandindo seus materiais de análise, as pesquisas pós-críticas, sensíveis aos problemas educacionais vivenciados pelos praticantes da educação, expandem suas críticas a diferentes textos e artefatos”.

A análise dos dados produzidos contou com um levantamento bibliográfico para embasamento teórico e uma pesquisa documental, a partir da análise do projeto Monumento Tenente Roxana Bonessi e das manchetes de jornal e das redes sociais da escola, as quais divulgaram a realização da prática pedagógica.

O trabalho fez parte do projeto realizado pelo Centro de Formação Padre José Anchieta (CEPAN), da SEDUC/AM, intitulado: Educação Patrimonial e Interdisciplinaridade no Ensino Básico: Manaus 350 anos. Participaram do projeto mais de 140 escolas. A Escola Estadual Presidente Castelo Branco conquistou o primeiro lugar geral, com a retratação da morte da tenente Roxana Bonessi, assassinada em 2002, pelo ex-amante. Em sua memória foi erguido um monumento, na Avenida São Jorge, na zona oeste da capital amazonense.

Desse modo, a partir dessa análise espera-se encontrar respostas significativas ao questionamento inicial, de modo que seja possível perceber como a escola pode promover projetos que

possibilitem a discussão de temas como a violência contra a mulher, pois essa abertura permite contar outras histórias ou novas versões de histórias escritas com o peso da colonialidade, acentuando opressões patriarcais que se arrastam por décadas e continuam a elevar os índices de feminicídio no Estado do Amazonas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Analisar uma prática pedagógica, bem como sua intencionalidade e efeitos, requer um aprofundamento teórico em relação ao currículo e às diversas nuances que o envolve. Franco (2016, p. 536) entende que nem toda prática docente é uma prática pedagógica, pois ela precisa ser uma ação reflexiva, tecida pedagogicamente, em torno de intencionalidades, devendo incorporar uma reflexão contínua e coletiva, ou seja, “configura-se sempre como uma ação consciente e participativa, que emerge da multidimensionalidade que cerca o ato educativo”.

Segundo a autora, nem toda prática educacional é uma prática pedagógica, apesar de a educação ser, numa perspectiva epistemológica, objeto de estudo da pedagogia. Nesse caso, a pedagogia “impõe um filtro de significado à multiplicidade de práticas que ocorrem na vida das pessoas [...] a diferença é de foco, abrangência e significado” (FRANCO, 2016, p.537). A partir desse entendimento, é possível pensar que as práticas pedagógicas podem sofrer influência da concepção pedagógica adotada pela escola, daí a importância de que o currículo esteja aberto a novas discussões e amplitudes teóricas, não ficando preso a ideologias que não acolhem as questões das minorias e das diferenças.

No caso das teorias pós-críticas do currículo, segundo Silva (2021), elas submetem continuamente os conteúdos e práticas realizadas nas escolas a questionamentos significativos, trazendo ao ponto central do debate o porquê de um conhecimento ser priorizado em detrimento a outro, quais os interesses ao se abordar determinado conteúdo, por que privilegiar certo tipo de identidade e subjetividade e não outro.

Barbosa e Bueno (2019) entendem que o pensamento “pós-moderno” ou “pós-crítico” ganhou espaço a partir da década de 90 e passou a ser base teórica que fundamenta o debate educacional.

Segundo eles, esse pensamento tem ressoado no debate sobre o currículo escolar, o qual tende a sofrer influências pós-críticas (pós-modernas, pós-estruturalistas, multiculturais, dos estudos de gênero, entre outras).

Nesse contexto, é importante pontuar alguns destaques desses enfoques teóricos, tomando como base Silva (2021). O autor sugere que o pós-modernismo não representa uma teoria coerente e unificada, mas um conjunto de diversas perspectivas que abrangem diversos campos intelectuais, políticos, estéticos e epistemológicos.

Nesse sentido, “pós” não é o melhor, o que vem depois, mas o que vai além das questões da modernidade, entendendo que as questões vividas no contexto escolar são outras e por isso, exigem novas noções de cultura, de linguagem e de conhecimento. Sendo assim, entende o conhecimento científico como uma construção social e baseada em determinadas relações de poder, sendo necessário criar condições para que os estudantes acessem outras formas de conhecer, de produzir conhecimento, sem desprestigiá-las.

Já o pós-estruturalismo, apesar de partilhar vários elementos comuns ao pós-modernismo, pertence a um campo epistemológico diferente, pois se limita a teorizar sobre a linguagem e o processo de significação, tendo como principais autores Foucault e Derrida, sem desconsiderar Deleuze, Gattari, Kristeva e Lacan. (SILVA, 2021). A partir das investigações de Saussure, o pós-estruturalismo mantém a ênfase da linguagem como um sistema de investigação, mas destaca a preocupação de Foucault com a noção de discurso e a de Derrida com a noção de texto, efetuando um certo afrouxamento na rigidez, com uma abordagem mais fluida.

Desse modo, o currículo e a experiência pedagógica são entendidos como texto/discurso, capazes de subjetivar as ações da escola, as pessoas. O currículo pode influenciar na formação do sujeito, pois essa experiência curricular está embutida de um discurso capaz de alterar sua forma de ser e ver o mundo ao redor. É importante que o professor pense em situações didáticas que ajudem os estudantes a entenderem como determinados significados foram produzidos e a quem interessa essa significação e sua posterior disseminação.

De igual modo, quando se faz conexões entre currículo e multiculturalismo, não é possível separá-los das questões de poder, as

quais obrigaram essas diferentes culturas raciais, étnicas e nacionais a viverem no mesmo espaço (SILVA, 2021). O autor aponta uma visão humanística e uma visão crítica do multiculturalismo. Na primeira, a ideia de tolerância, respeito e convivência harmoniosa entre as culturas é enfatizada, já na segunda, o destaque está na construção discursiva dessas diferenças, pois “na medida em que é uma relação social, o processo de significação que produz a “diferença” se dá em conexão com as relações de poder” (SILVA, 2021, p.87).

Da perspectiva multiculturalística crítica, não existe nenhuma posição transcendental, privilegiada, a partir da qual se possam definir certos valores ou instituições como universais. Essa posição é sempre enunciativa, isto é, ela depende da posição de poder de quem afirma, de quem a enuncia. A questão do universalismo e do relativismo deixa, assim, de ser epistemológica e passa a ser política (SILVA, 2021, p.90).

Outro campo que merece destaque é o campo dos estudos de gênero e feminismos, visto que se entende o papel do gênero na produção e reprodução das desigualdades. O movimento feminista já tem apontado que as linhas de poder da sociedade estão estruturadas não apenas pelo capitalismo, mas também pelo patriarcado, percebidas nas diversas desigualdades que dividem homens e mulheres (SILVA, 2021).

A pauta feminista no âmbito curricular deixou de incluir apenas a condição de acesso à educação e ao mercado de trabalho, por exemplo, mas tem se focado a questionar a neutralidade ou apatia da sociedade em relação à masculinização dos espaços sociais, fortemente marcados pelo patriarcalismo. Silva (2021) aponta o quão masculinos são a ciência e o currículo e destaca que eles expressam a cosmovisão do masculino. Segundo o autor, uma possível solução não seria apenas uma inversão dessa realidade, mas a construção de um currículo que refletisse de forma equilibrada a experiência feminina e a masculina.

Dito isso, é importante reforçar a necessidade de a escola estar sensível a essa realidade, pois o empoderamento da mulher no contexto escolar não depende apenas de boa vontade ou de atividades isoladas em datas ou eventos comemorativos como Dia da Mulher, das mães, da consciência negra, do índio, dentre outras,

mas depende do entendimento de que, segundo Hooks (2017), a prática do diálogo é apenas o ponto de partida indicado aos professores, acadêmicos e pensadores, a fim de cruzar as fronteiras e as barreiras que podem ou não ser erguidas pela raça, gênero, classe social, reputação pessoal ou profissional.

Machado e Lima (2021, p. 43) defendem que a escola se envolva nas questões relacionadas à violência de gênero, posto que os assuntos educacionais precisam de conexão com a realidade social, política, econômica e/ou cultural do seu tempo, visto se tratar de uma organização social, “ela visa à compreensão dos sujeitos da estrutura social ao qual está inserido, o porquê das modificações que nela se processam e auxilia para que estes sejam atuantes do processo social”, dessa forma o autor entende ser possível favorecer a mudança social ou, ainda, que os estudantes de posicionem essa realidade.

Alinhado a essa postura, Carrano (2013) compreende a vida escolar como uma via de mão dupla, sendo necessário que os educadores compreendam os sentidos de ser jovem na contemporaneidade e, assim, pensem em práticas pedagógicas que ajudem os educandos a encontrarem sentido nos tempos e espaços escolares. Ou seja, é preciso ter o cuidado devido para que os estudantes não estejam apenas sendo levados a realizar práticas artísticas desconexas dos reais sentidos atribuídos àquela prática pedagógica, sob o risco de não alcançar o objetivo proposto.

Ao questionar o currículo e a construção de fronteiras e posições sociais, Meyer (1999) já apontava sobre a forma como a escola contribui para a construção dos sentidos de pertencimento, seus efeitos e seus significados, sendo assim, a autora destaca a necessidade de pensar se a escola está produzindo sujeitos autogovernáveis, desse modo, participando decisivamente da constituição, organização e manutenção social.

Cultura, conhecimento e poder produzem de forma articulada, a dinâmica de funcionamento desse espaço institucional tão disputado por todas as vertentes políticas nos últimos séculos. E é exatamente por sua preocupação com os nexos que se estabelecem entre cultura, conhecimento e poder e pelos seus efeitos hierarquizantes e diferenciadores aí

produzidos, que os estudos culturais e também os estudos feministas têm investido fortemente na crítica e redimensionamento da educação e da pedagogia. (MEYER, 1999, p. 80).

Pensando nessas questões, faz necessário pensar em como essas práticas estão sendo construídas e desenvolvidas no contexto amazonense, se elas estão alcançando as discussões de gênero, promovendo o sentimento de pertencimento e/ou exclusão, possibilitando a interação e a representatividade dos grupos sociais envolvidos. É preciso agir com intencionalidade, estar ciente de que essa estratégia metodológica visa um fim específico, de modo que o educador consiga estimular a interação dos educandos e juntos consigam fazer as leituras propostas por aquele relato e assim, contribuir para uma análise crítica dos dilemas sociais abordados na prática pedagógica.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em 24 de outubro de 2019, a capital amazonense completou 350 anos de sua elevação à categoria de cidade. Dentre as diversas programações alusivas a comemoração dessa data histórica, a SEDUC/AM, através do GFP/CEPAN, organizou o I Concurso Pedagógico-cultural intitulado “O Patrimônio histórico cultural no contexto da educação escolar: Manaus 350 anos”, apoiada pelas gerências e coordenações associadas, como a Gerência de Educação Básica - GEB, além de outras secretarias, como a Secretaria de Cultura - SEC.

É importante destacar a assertividade da proposta ao associar um momento histórico relevante da cidade de Manaus a uma oportunidade de desenvolver uma atividade interdisciplinar, a partir da qual é possível viabilizar uma educação intercultural e crítica, como defendem Moreira e Candau (2014). Os autores consideram que a escola deve promover a ampliação dos horizontes culturais dos estudantes, isso significa que as práticas pedagógicas realizadas se constituem ou deveriam se constituir em uma opção de articulação de saberes, conhecimentos e culturas.

De acordo com o regimento do concurso, o objetivo da proposta era formar professores com conhecimentos acerca do rico

patrimônio histórico e cultural (material e imaterial) de Manaus, a fim de estimular práticas educativas que valorizem a (re) construção das identidades individuais e coletivas amazonenses. Pensando nisso, volta-se ao que Paraíso e Caldeira (2018) trazem a discussão ao pontuar que

Se é possível pensar que a nossa liberdade está em questionar as práticas nas quais estamos inscritos/as, é possível pensar, também, que as normas podem ser multiplicadas para que elas nos caibam em nossas diferenças. Se é possível pensar que é viável e necessário contestar as formas pelas quais somos enquadrados/as, classificados/as, divididos/as, normalizados/as e subjetivados/as, é possível perceber também que existem possibilidades a serem cavadas em todas as partes. Ao cavar outros possíveis já estaremos desmontando normas e operando para multiplicar os modelos e normas existentes. (PARAÍSO; CALDEIRA, 2018, p. 18-19).

É possível que essa perspectiva tenha impulsionado o grupo interdisciplinar de professores da Escola Estadual Presidente Castelo Branco, localizada na zona Oeste de Manaus/AM, que organizou e submeteu o projeto intitulado: monumentos invisíveis e suas reflexões – a praça “Roxana Bonessi”: uma joia com mensagem social (MISR-PRB), o qual encontra-se em anexo.

O objetivo da proposta era resgatar a história de uma construção emblemática do bairro de São Jorge, a praça “Roxana Bonessi”, que fica no entorno da Escola Estadual Presidente Castelo Branco. Segundo o MISR-PRB (2019) a história dessa praça se perdeu ao longo do tempo. Como é uma construção que faz parte do dia a dia dos alunos, funcionários da escola e demais comunitários do bairro de São Jorge, esse resgate se fez extremamente necessário.

Ainda segundo o MISR-PRB (2019), esse resgate proporcionou uma reflexão sobre o significado da referida edificação, oportunizando discussão sobre temas relevantes dentro dos componentes curriculares nas três séries do ensino médio da escola, com destaque para as questões sociais, como a violência e o feminicídio. A princípio, pode parecer desconexo abordar esses temas em um concurso sobre patrimônio histórico e cultural, mas fazendo uma análise sob perspectiva pós-crítica, a partir de Paraíso (2018, p.

37), os temas contemporâneos não podem ficar fora do currículo, visto que ao abrir possibilidades de se experimentar novas nuances, as regras preestabelecidas precisam ser (re) discutidas, “há que se inventar outras regras se o mundo está seguindo regras que não servem para o objetivo de fazer do currículo um território de acolhimento, hospitalidade e expansão da diferença”.

O projeto foi estruturado em três fases, sendo realizada na primeira delas uma sensibilização sobre a temática, momento em que discutiram tópicos importantes sobre a violência, valorização e papel da mulher na sociedade. Nessa etapa, as discussões foram mediadas primeiramente pelos coordenadores e, em seguida, os próprios estudantes estabeleceram interações com o objeto de estudo, inclusive sugerindo ideias para compor a apresentação artística e cultural.

Imagem 01: Encenação de depoimento fúnebre da Tenente Bonessi



Fonte: Facebook oficial da escola

Na imagem acima, uma estudante dialoga com outros colegas e professores, encenando um discurso fúnebre, como se a própria Roxana Bonessi contasse sua história e pontuasse os motivos que a levaram a morte. É interessante observar que a arte, nesse contexto, colabora significativamente para que a prática pedagógica

se fortaleça e caminhe em busca do objetivo proposto. Nesse contexto, Penteado e Cardoso (2014) admitem que o currículo é um debate em que se produzem sentidos, abrindo espaço para fazer/pensar arte como parte da elaboração da existência e das reinvenções de si, tornando possível cruzar os fluxos de arte, cultura e filosofia, sendo que isso se materializa no momento em que alunos e professores vivenciam práticas educativas nas quais constroem e reconstruem conhecimentos e saberes.

Na ocasião da segunda fase do projeto, partiu-se para a investigação em campo, tendo como ponto de partida a visita técnica ao monumento, seguida das entrevistas a antigos moradores, pesquisa virtual, documental e análise dos dados produzidos, sempre com a presença dos professores coordenadores mediando as atividades. Cada uma dessas etapas é considerada de extrema importância para o sucesso da proposta, pois, segundo Carrano (2013) essas atividades extraescolares podem significar excelentes oportunidades de criação de espaços culturais de mediação entre os mundos vividos pelos educandos, por isso dão liga a experiência comunitária de vivência juvenil. É preciso salientar que é fundamental incluir os estudantes no planejamento e desenvolvimento das práticas escolares, conforme Koff (2018), a fim de

Valorizar a construção da autonomia do/a aluno/a, reconhecendo-o/a como sujeito da construção da sua história particular e da história em geral; ter a emancipação do/a aluno/a como horizonte; ampliar ou reforçar os mecanismos para o seu próprio autoconhecimento, valorizando processos de construção de identidade(s); reconhecer, valorizar e fazer dialogar os diferentes grupos culturais; empoderar esses diferentes grupos culturais, pondo em questão o etnocentrismo; trabalhar os conflitos que emergem das relações interpessoais, principalmente aqueles que são fruto de preconceitos e discriminações, apostando, inclusive no potencial dos mecanismos de negociação e na construção coletiva de normas/regras e/ou códigos de convivência (KOFF, 2018, p. 166).

Posto isso, destaca-se que o contato dos jovens com o monumento e a discussão sobre as representações contidas nos

elementos que o compõem, possibilitaram diversas análises significativas, desde as questões sociais (feminicídio e patriarcado), emocionais (trauma familiar com a perda e repercussão do fato), políticas e institucionais (influência do agressor na tentativa de garantir impunidade).

Acredita-se que após as discussões prévias, interações e intervenções realizadas, os estudantes tendem a sentirem-se mais esclarecidos sobre a temática a ponto de estenderem as discussões aos demais ambientes sociais nos quais estão inseridos, além de poderem identificar situações de violência contra a mulher nesses ambientes, sendo multiplicadores dos conhecimentos obtidos.

Experiências educativas diversas demonstram a importância da incorporação de saberes e práticas culturais dos alunos uma articulação dos conteúdos curriculares e também na busca do estabelecimento de uma ordem escolar que se faça em relação de diálogo com os grupos juvenis [...] Algumas experimentações que reinventam o cotidiano escolar e pesquisas têm narrado que são aqueles espaços, tempos, sujeitos e práticas nos quais os alunos e alunas se reconhecem que lhes fortalecem o sentido da presença na instituição escolar. (CARRANO, 2013, p.206-207).

Em continuidade às etapas do projeto, os estudantes retornaram ao monumento, agora com um novo olhar, mais atento às complexidades temáticas que estavam envolvidas naquele contexto, possibilitando que, na etapa final, os participantes organizassem a apresentação dos resultados encontrados, a partir de uma apresentação artístico-cultural, envolvendo música, cartazes e exposição oral com projeção de slides. Essa culminância se deu, a princípio, na seletiva da coordenadoria distrital de educação 04, da qual a escola faz parte, evento que ocorreu no auditório da Escola Estadual Presidente Castelo Branco.

Nessa ocasião, receberam alguns membros da comunidade, da SEDUC e até a jornalista policial que cobriu o caso do assassinato de Roxana Bonessi, Joana Queiroz. Ela relatou aos presentes como foi encontrar a tenente morta, noticiar o fato e acompanhar toda a repercussão do crime, principalmente por envolver militares

do exército. “Até hoje eu lembro como foi quando eu cheguei à cena do crime, da roupa que ela usava e uma pulseirinha de pedras. Poder dividir o que eu vivi com os alunos e alertá-los sobre a brutalidade do feminicídio é como poder agregar valor a esses meninos e meninas para o futuro”, comentou a comunicadora em entrevista¹ ao Jornal local A Crítica.

Após ser escolhida na seletiva da CDE 04, a escola participou da final do concurso, concorrendo com mais de dez escolas, em novembro de 2019, na E. E. Petrônio Portela, evento que reuniu os representantes de todas as 07 (sete) coordenadorias distritais de educação em Manaus. Ana Lucena, diretora do CEPAN, que esteve entre os convidados, era amiga da vítima e relatou em entrevista a SEDUC² que se sentiu bastante emocionada em poder presenciar o resultado do trabalho e na ocasião conversou com alunos e professores envolvidos na pesquisa. Ao final, pontuou: “foi uma linda homenagem unida a uma crítica aos crimes que acontecem todos os dias com as mulheres do Amazonas e do Brasil”.

Diversos sites promoveram a divulgação do evento, visto ter alcançado certo impacto no público que acompanhou as apresentações. Foi possível perceber que, em algumas delas, o foco deixa de ser o patrimônio histórico-cultural, objetivo primeiro da proposta, e volta-se a questão do feminicídio, enfaticamente retratado durante a apresentação cultural, como se vê a seguir:

1 <https://www.acritica.com/channels/manaus/news/estudantes-vencem-competicao-ao-contar-historia-de-monumento-sobre-femicidio>

2 <http://www.educacao.am.gov.br/projeto-da-seduc-am-incentiva-atividades-pedagogicas-em-patrimonios-historicos-de-manaus/>

Imagem 04: Publicação da SSP/AM



Fonte: produzido pela autora a partir de imagens disponíveis na internet

Essa mudança de foco percebida no discurso dos sites de notícia pode direcionar a uma análise sobre os motivos pelos quais isso ocorre, visto que uma prática pedagógica pode ser pensada e projetada para um fim e a medida e que ela assume contornos práticos, surgem novas nuances significativas de discussão.

Pensando em uma perspectiva Foucautiana, Hiddleston (2021) chama a atenção para o fato de que o conhecimento é moldado pela produção do discurso, o que impulsiona a estrutura de poder da sociedade. A autora defende que a análise das relações de poder vividas na sociedade tem como foco as afirmações que ocorrem no campo do discurso, as quais são exploradas e transformadas através dos tempos, apesar de não estarem a serviço de uma história coerente, visto sofrerem rupturas internas.

Após retomar um dos primeiros exemplos de Foucault acerca concepção do discurso, quando discorreu sobre loucura e razão, Hiddleston (2021, p. 125) pontua que a noção de discurso tende a substituir a ideologia como veículo de poder, “porque ele não mais repousa sobre uma posição entre verdade e falsidade; [...] a análise de Foucault mostra como o conhecimento e o poder mutuamente criam e estruturam um ao outro e são difundidos por meio da formação discursiva”.

Questiona-se, nesse caso, se esse enfoque na questão do feminicídio ocorreu simplesmente por conta de ser o tema retratado pela escola campeã ou existem outras implicações presentes nesse discurso. Apenas um jornal local, “A Crítica”, pontuou o tema retratado pelas escolas que ficaram em segundo e terceiro lugar, citando a Escola Estadual Paula Ângela Francinetti, a qual abordou “Uma proposta de incentivo e ao respeito, valorização e preservação das diversidades culturais que constituem o patrimônio cultural do bairro Morro da Liberdade e da cidade de Manaus” e a Escola Estadual Arthur Virgílio, com o tema “Rememorando nossos 350 anos através do Museu da Cidade de Manaus”, respectivamente.

Percebe-se que ambas as escolas citadas discorreram sobre temas mais próximos ao que se esperava pela organização do Concurso, sendo possível perceber o destaque para a valorização das diversidades culturais, no primeiro caso e a questão histórica da cidade, no segundo caso. Surge aqui, uma indagação sobre a possibilidade de os jurados terem sido tocados pela mensagem social abordada pela Escola Presidente Castelo Branco por conta de fazer parte de um contexto que está muito próximo da realidade de todos, mesmo não sendo tão amplamente representado em ocasiões como essa, principalmente em ambiente escolar.

Por outro lado, aponta-se como possibilidade a simples necessidade de atrair leitores para os mecanismos de veiculação de informação, os quais podem ter entendido que a manchete sobre feminicídio poderia atrair mais leitores/barra seguidores, visto se tratar de jornais que utilizam mídias sociais para divulgar as notícias. O fato é que, seja qual o motivo que impulsionou o destaque da abordagem sobre o feminicídio, o tema foi pauta de um momento relevante na vida escolar desses alunos e professores. A imagem abaixo ilustra e documenta o momento da apresentação artística

realizada pelos estudantes, no qual algumas alunas entraram caracterizadas de mulheres que morreram vitimizadas por seus companheiros e, segundo relato do coordenador do projeto, foram extraídos de histórias reais, ocorridas em Manaus.

Imagem 03: caracterização das personagens da apresentação cultural



Fonte: acervo dos coordenadores do projeto

O vídeo completo da apresentação está disponível nas mídias sociais da escola³ e está repleta de elementos ricos para discussão sobre como uma prática pedagógica pode suscitar uma sensibilização acerca do feminicídio e empoderamento da mulher, indo muito além da preservação do patrimônio histórico cultural da cidade, como se propôs inicialmente o projeto da SEDUC/CEPAN.

É possível destacar pelo menos três momentos relevantes na apresentação cultural: primeiro, o professor coordenador geral da proposta fez uma síntese dos resultados encontrados durante a fase de pesquisa bibliográfica, documental e das entrevistas,

³ <https://fb.watch/bFAdZyAckP/>

alertando sobre o crescente número de feminicídio no Estado do Amazonas e ausência de debates em torno do assunto. O professor alertou ainda sobre o fato de a comunidade escolar desconhecer a razão daquele monumento construído em uma via tão importante do bairro.

O segundo momento de destaque foi a apresentação da estudante que representou um discurso póstumo de Roxana, no qual ela cita como se deram as circunstâncias de sua morte. A aluna entra no auditório vestida com uma roupa do exercito e cantando um trecho de uma música da cantora Naiara Azevedo, "Coração pede socorro", a qual traduz um pouco do sofrimento vivido pela tenente.

"Ah, esse amor/deixou marcas no meu corpo

*Ah, esse amor/Só de pensar eu grito, eu quase morro
Com você meu coração pede socorro"*

A música foi escolhida pela estudante, após uma pesquisa no google sobre músicas que abordassem sobre feminicídio. A estudante relatou nas redes sociais da escola que após encontrar a música, a qual era por ela até então desconhecida, ela se aprofundou na pauta discutida nas letras das músicas do movimento conhecido como feminejo, formado por mulheres que cantam música sertaneja sob uma perspectiva feminista.

Schwartz, Gonçalves e Costa (2019) apontam que embora as cantoras desse gênero nem sempre se identifiquem como feministas, sua atuação parece ter incorporado a pauta do movimento em busca de maior valorização e igualdade das mulheres nas relações afetivas, desse modo contribuindo para comunicar ideias e formar subjetividades em diferentes áreas de atuação. Destacam, ainda que esse gênero musical tem o potencial de inspirar ações de resistência contra os retrocessos conservadores vislumbrados na atual conjuntura política e social brasileira.

A jovem, que já atuava na escola em atividades culturais, apresentou a canção ao coordenador do projeto que de imediato aprovou a escolha e passaram, então, a ampliar a discussão em torno da importância dessas mulheres cantarem e contarem os dilemas vividos pelas mulheres brasileiras.

O destaque que se dá a essas músicas se relaciona à percepção de que suas compositoras não se identificam como feministas e nem dialogam com o feminismo acadêmico. Parecem, no entanto, ter internalizado certas premissas defendidas pelo movimento de forma quase inconsciente e, portanto, muito natural. Essa naturalidade com que certos temas, que ainda são tabus em determinados espaços, são tratados nas músicas, libera as artistas das rotulações negativas e estigmatizantes (SCHWARTZ; GONÇALVES; COSTA, 2019, p. 107).

Com uma voz potente e com um figurino que trazia as marcas dos golpes de faca que recebeu, a estudante já envolveu o público presente, o qual se voltou a escutar seu relato. Uma das frases mais marcantes e emocionantes proferidas na apresentação referia-se ao fato de que a tenente foi acusada pelo seu agressor de ter sido a causadora da sua própria morte, como se ele estivesse tentando terminar a relação extraconjugal que ambos mantinham e ela não aceitasse, o que teria motivado o crime.

Essa fala destaca os traços ainda muito fortes da presença do jugo do patriarcado que pesa sobre as mulheres, as quais tendem sempre a serem expostas como as causadoras de problemas ligados a sexualidade, como em caso de estupros e término de relacionamentos. Seguiu-se após a fala da estudante, a entrada de outras jovens, devidamente caracterizadas como vítimas de feminicídio, relatando a causa de suas mortes: facadas, tiro, pauladas, dentre outras. Esse momento foi de muita emoção, pois retratou a realidade vivenciada diariamente por muitas famílias que perdem suas meninas/mulheres por conta desse tipo de violência.

Em sua obra “Ensinando a transgredir”, Hooks (2017) alerta sobre o risco de o conhecimento se resumir a pura informação. A autora destaca que a educação precisa estar engajada, de modo a atuar como prática de liberdade, aumentando assim, seu poder capacitante, principalmente às mulheres. Ainda enfatiza que

Ensinar é um ato teatral. E é esse aspecto do nosso trabalho que proporciona espaço para as mudanças, a invenção e as alterações espontâneas que podem atuar como catalizadoras para evidenciar os aspectos únicos de cada turma. Para abraçar o aspecto teatral

do ensino, temos de interagir com a “plateia”, de pensar na questão da reciprocidade. Os professores não são atores no sentido tradicional do termo, pois nosso trabalho não é um espetáculo. Por outro lado, esse trabalho deve ser um catalizador que conclame todos os presentes a se engajar cada vez mais, a se tornar partes ativas no aprendizado (HOOKS, 2017, p.22).

Ao final da apresentação cultural, a jovem que representou Roxana Bonessi citou, em relação a sensibilização contra o feminicídio: “Isso não depende mais de nós, porque nós já sofremos as consequências”. Aplaudidos de pé, estudantes e professores se retiraram do palco e aguardaram o resultado contabilizado pelos jurados. O resultado positivo que levou a premiação da escola foi merecidamente comemorado, entretanto, é preciso destacar os efeitos e os impactos dessa atividade na vida escolar dos envolvidos, tanto os que atuaram, pesquisaram, coordenaram, quanto os que assistiram apenas o ponto culminante, na apresentação cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao inserir as questões relacionadas ao empoderamento feminino e a violência contra a mulher no contexto escolar é preciso entender que, apesar de o currículo estar sempre cheio de ordenamentos, na maioria das vezes organizados em linhas fixas e identidades majoritárias, ele também está sempre cheio de possibilidades de rompimento daquilo que ela chama de “linhas do ser”, desse modo, é possível que ele se mova por caminhos insuspeitados, como defendido por Paraíso (2014).

Pensando nessa perspectiva, entende-se que a proposta analisada corresponde a uma dessas possibilidades de rompimento com a rigidez curricular que muitas vezes aprisiona o professor a uma prática que não alcança a comunidade escolar e dessa forma não age de forma a atender as suas necessidades sociais, o que acaba tornando o ambiente da sala de aula sem sentido e desconexo das prioridades de interesse dos estudantes.

Acredita-se que o cotidiano escolar pode ser um artefato com muitas possibilidades de diálogo com a vida, um artefato com um

mundo a explorar. Nesse caso, a violência de gênero surge como uma dessas possibilidades de introdução ao diálogo, visto que faz parte da realidade de várias famílias, as quais precisam de respostas ante ao sofrimento vivenciado, por vezes, em silêncio.

Percebeu-se que a realização de uma prática pedagógica consistente, interdisciplinar e sensível às questões de gênero, pode auxiliar no fortalecimento do empoderamento da mulher no contexto escolar, de modo a servir como instrumento de sensibilização ao combate ao feminicídio e demais violências as quais as mulheres são diariamente submetidas nos mais diversos contextos sociais.

REFERÊNCIAS

CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (Org). Juventude e Ensino Médio. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

BARBOSA, R. P; BUENO, S. F. Notas sobre o campo de estudos do currículo: controversas críticas e pós-críticas. *Jornal de Políticas Educacionais*. V. 13, n. 35. Outubro de 2019.

CARRANO, Paulo. Identidades culturais juvenis e escolas: arenas de conflitos e possibilidades. In. MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria (Org). *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF, 2017.

MEYER, Dagmar Estermann. Etnia, raça e nação: o currículo e a construção de fronteiras e posições sociais. In. COSTA, Marisa Vorraber (Org). *O currículo nos limiões do contemporâneo*. Rio e Janeiro: DP&A, 1999.

MEYER, Dagmar; PARAÍSO, Marlucy (Org.). *Metodologia de Pesquisa Pós-Críticas em Educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

PARAÍSO, Marlucy Alves (Org). Pesquisas sobre currículos e Culturas: temas, embates, problemas e possibilidades. Curitiba: Editora CRV, 2010.

PARAÍSO, Marlucy Alves. É possível um currículo fazer desejar? In. PARAÍSO, MARlucy Alves. Pesquisa sobre currículos e culturas: temas, embates, problemas e possibilidades. Curitiba: Editora CRV, 2010.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Pesquisa pós-crítica em educação no Brasil: o esboço de um mapa. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 122, maio/ago. 2004. PARAÍSO, Marlucy Alves. Pesquisa sobre currículos e culturas: temas, embates, problemas e possibilidades. Curitiba: Editora CRV, 2010.

PENTEADO, Andrea; JÚNIOR, Wilson Cardoso. Arte, cultura e sujeitos nas escolas: os lugares de poder. In. MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria. Currículos, disciplinas escolares e culturas. Petrópolis: Vozes, 2014.

SCHWARTS, Germano André; GONÇALVES, Vanessa; COSTA, Renata Almeida. A arte popular como movimento social: uma interlocução entre o gênero musical feminejo e os feminismos. Revista de Direito Brasileira. Florianópolis, SC, v. 22, n. 9, p.101-110, Jan./Abr. 2019. Acesso em: 12/02/2022. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/204364/001109660.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

SILVA, Tomás. A produção social da identidade e da diferença. IN. SILVA, Tomás. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.